

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ADRIANE BRAGA DOS SANTOS

**A LINGUAGEM TEATRAL NA EDUCAÇÃO: SEU ALCANCE COMO CONTEÚDO E
COMO RECURSO DIDÁTICO NA ATIVIDADE DOCENTE DO PEDAGOGO**

Orientadora: Profa. Dra. Monique Andries Nogueira

RIO DE JANEIRO
AGOSTO DE 2017

ADRIANE BRAGA DOS SANTOS

**A LINGUAGEM TEATRAL NA EDUCAÇÃO: SEU ALCANCE COMO CONTEÚDO
E COMO RECURSO DIDÁTICO NA ATIVIDADE DOCENTE DO PEDAGOGO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários
à obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Monique Andries Nogueira

**RIO DE JANEIRO
AGOSTO DE 2017**

DEDICATÓRIA

À Ana Luiza Folly, responsável por ter me apresentado a beleza do Teatro e fazer com que eu me encantasse com esta Arte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido sobreviver, sempre a guiar meus passos, me sustentar e dar forças dia após dia com sabedoria e gratidão;

A minha professora com “P maiúsculo”, Regina, que mesmo sabendo de todas as minhas dificuldades e de tudo o que passei, esteve do meu lado me ajudando e me incentivando não só na escola como também na vida; afinal de contas foi com ela que aprendi que “Eu quero, eu posso e eu vou conseguir! ”;

Aos meus pais e irmão que são meu tudo: minha mãezona Ana, meu paizão Rogerio e meu super irmão Alexandre que sempre acreditaram que eu era capaz de chegar até aqui e sempre fizeram e fazem tudo por mim. É para eles que quero oferecer mais esta conquista;

A minha madrinha de coração Silvia, que mesmo de longe sempre torceu por minhas conquistas;

A toda família e aos amigos, que sempre me incentivaram e acreditaram que um dia eu chegaria até aqui;

Aos professores que me ajudaram na conquista deste tão sonhado diploma em especial as professoras que admiro: Ana Prado (Professora ímpar), Cristiana Carneiro (Professora que me fez gostar mais ainda de Psicologia e que no primeiro dia do primeiro período me presenteou com este tema de monografia) e Monique Andries (Professora de uma das melhores matérias que tive na faculdade, que aceitou ser minha orientadora).

RESUMO

SANTOS, Adriane Braga dos. **A LINGUAGEM TEATRAL NA EDUCAÇÃO: SEU ALCANCE COMO CONTEÚDO E COMO RECURSO DIDÁTICO NA ATIVIDADE DOCENTE DO PEDAGOGO.** Rio de Janeiro, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O presente trabalho trata da presença da linguagem teatral na Educação. Teve como objetivo identificar a presença do Teatro tanto como conteúdo, quanto como recurso didático na atividade docente do Pedagogo. Constituiu-se como pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfica, que teve como principais referências Koudela (2002), Spolin (2008) e Reverbel (1989). Como resultado, confirma-se a hipótese do potencial educativo do Teatro, tanto nas suas especificidades, quanto nas suas potencialidades metodológicas.

Palavras-chave: Teatro-Educação, Pedagogia, Ensino de Artes.

SUMÁRIO

Introdução	07
Capítulo 1: O Teatro na Educação Brasileira	08
1.1 Concepções sobre ensino de Artes e legislação	08
1.2 Documentos curriculares	11
Capítulo 2: O Lugar do Teatro na Educação: Fundamentos Filosóficos ...	16
2.1 A centralidade da Arte nos processos educativos	16
2.2 A linguagem teatral e suas especificidades	20
Capítulo 3: Os Jogos Teatrais e a Ludicidade	23
3.1 Jogo Teatral: conceitos e desdobramentos	23
3.2 O Jogo Teatral na Sala de Aula	25
Conclusão	28
Referências	29

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deu-se devido ao fato de eu ter feito aulas de Teatro por dois anos e ter me apaixonado por essa Arte. No tempo em que fiz o curso, pude viver algumas experiências que me marcaram bastante, como por exemplo: alguns jogos e atividades em que participei e até mesmo a montagem e apresentação de duas peças. Na mesma época, tinha acabado de entrar para a graduação em Pedagogia que é minha outra paixão; a partir de então optei por investigar qual seria e/ou se teria alguma relação entre ambos, uma vez que acredito que a combinação de ambos pode dar certo.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de analisar como se dá a relação Teatro / Pedagogia e se este poderia ser considerado um instrumento didático a ser utilizado em uma parte da Educação Básica; uma vez que nesta etapa da Educação, o lúdico é algo que poderia facilitar o aprendizado das crianças.

Ao iniciar a busca por literaturas acerca dessa temática, pude observar que existem poucos trabalhos realizados nos cursos de Pedagogia sobre o Teatro; por exemplo “Pedagogia do Teatro e Teatro como Pedagogia” (CABRAL, Beatriz), “Abordagens metodológicas do Teatro na Educação” (KOUDELA, Ingrid Dormien; SANTANA, Arão Paranaguá de), dentre outros; até mesmo dentro da própria UFRJ. Nesse sentido, essa pesquisa se justifica e teve como hipótese inicial que o Teatro deveria estar presente na atividade docente do Pedagogo, tanto como conteúdo específico, quanto como recurso didático.

CAPÍTULO 1

O Teatro na Educação Básica Brasileira

1.1 Concepções Sobre Ensino de Arte e Legislação

O propósito deste capítulo é o de mostrar o espaço que o Teatro foi tendo na Educação Básica Brasileira, a partir do arcabouço legal, dos documentos curriculares e tendências pedagógicas.

O ensino da Arte é importante pois permite que as experiências das pessoas tenham sentido; a partir dela o educando pode ampliar sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. A aprendizagem desta área do conhecimento compreende basicamente a execução de trabalhos artísticos, apreciação e reflexão acerca deles. Envolve também conhecimento, apreciação e reflexão sobre as mais diversas formas da natureza e sociais, e sobre as produções, artísticas tanto individuais, quanto coletivas, das mais variadas culturas e épocas.

Compreende-se esta educação como meio de permitir o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, isso faz com que seja caracterizado um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência vivida. Com isso, é possível notar que a Arte permite aos educandos o desenvolvimento de sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto na realização de formas artísticas quanto na apreciação e conhecimento destas formas que foram produzidas, não só por eles como também por seus colegas, pela sua natureza e nas mais variadas culturas.

Desde que a história da humanidade teve início a Arte sempre foi algo presente em praticamente todas as formações culturais. No entanto, a área que diz respeito a educação escolar em Artes tem uma trajetória relativamente recente com as mudanças educacionais que marcaram o século XX em diversas partes do mundo ocidental.

A história do Teatro infantil no Brasil iniciou de modo catequético e jesuítico, tendo início em 1549 e indo até 1759. Este passou a expor duas modalidades: Teatro com função pedagógica e como uma atividade artística. Com base na visão pedagógica, o Teatro tem a finalidade de expor o comportamento social e moral, por meio do aprendizado de valores e do bom relacionamento com as pessoas. A partir desta visão, notou-se que o trabalho do Teatro em sala de aula é não fazer com que os alunos assistam somente as peças como também a produzam. Sendo assim, “nosso objetivo na escola não é ter um aluno-autor, um aluno-pintor

ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana”. (REVERBEL, 1989 apud ARCOVERDE, 2008)

A partir do que foi citado acima é possível compreender que o papel da escola não é formar artistas, mas sim fazer com que as crianças se descubram, compreendam e descubram o mundo, e também compreendam qual a importância da Arte para suas vidas.

Em 1997, os princípios voltados para o desenvolvimento da criança, que inovavam o ensino de Artes Plásticas, Música, Teatro e Dança reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto expressiva; ou seja, davam importância a livre expressão e a sensibilização para realizar a experimentação artística como orientações que focavam no desenvolvimento do potencial criador. O que significa que estas eram propostas que visavam a questão do desenvolvimento integral do educando.

Era destinado ao professor uma função cada vez mais irrelevante e passiva. A ele não cabia o ensinamento de nada e a Arte adulta deveria ser mantida fora dos muros da escola, por conta do perigo da influência que poderia manchar a “brilhante e espontânea expressão infantil”. O objetivo principal disso era o de auxiliar o desenvolvimento da criatividade da criança.

A reflexão que iniciou uma nova tendência artística, em que o objetivo era marcar o Fenômeno Artístico como conteúdo curricular, articulou-se num duplo movimento: de um lado, havia a revisão crítica da livre expressão. Já do outro, a investigação da natureza da Arte como meio de conhecimento.

Ao analisarmos o período entre os anos 1920 e 1970, podemos observar que o Ensino da Arte é voltado para o desenvolvimento natural da criança, tendo como base o respeito às suas necessidades e aspirações, dando valor às suas formas de expressão e compreensão do mundo. Com relação as práticas pedagógicas, estas eram diretivas muito marcadas pela repetição de modelos e centradas na figura do professor; porém, elas foram redimensionadas e passaram a ser marcadas pelos processos de desenvolvimento do educando e suas criações. Já no fim dos anos 1960 e também na década de 1970 é possível observar uma tentativa de aproximação entre as manifestações artísticas que ocorriam em espaços extraescolares e as que ocorriam em espaços intraescolares. Este período é marcado pelos festivais da canção e pelas novas experiências teatrais, que é quando as escolas realizam festivais de Música e Teatro com grande participação e colaboração dos educandos. No início da década de 1970 os autores responsáveis pela transformação da trajetória do Ensino de Arte nos Estados Unidos

sustentaram que o desenvolvimento artístico é resultado de meios complexos de aprendizagem e, portanto, não ocorre de maneira automática à medida que a criança cresce; ou seja, cabe ao professor propiciar essa aprendizagem através da instrução. Segundo esses autores, as habilidades artísticas desenvolvem-se através de questões que se apresentam à criança no decorrer de suas experiências de procurar meios para converter ideias, sentimentos e imagens num objeto material. Essa experiência pode ser conduzida pelo professor e nisso consiste sua contribuição para a educação no campo da Arte.

O ensino de Arte é distinguido pela visão humanista e filosófica que delimitou as tendências tradicionalista e escolanovista. Essas tendências têm seu valor desde o início do século e ainda hoje participam das escolhas pedagógicas e estética de professores de Arte.

Ao analisarmos a história do Ensino da Arte, podemos observar que na primeira metade do século XX este ensino era voltado prioritariamente para o domínio técnico. Este modelo de ensino era centrado na figura do professor, competia a ele “passar” aos educandos os códigos, conceitos e categorias voltadas para padrões estéticos que alternavam de linguagem para linguagem, mas que apresentavam um ponto em comum que era a utilização permanente da reprodução de modelos.

No que tange às atividades de Dança e Teatro, estas só tinham seu devido reconhecimento quando presentes em festividades escolares, na celebração de datas comemorativas como natal e páscoa, por exemplo ou ainda em festas de final de período escolar. O Teatro era entendido com uma única e exclusiva finalidade: a da apresentação; onde as crianças eram obrigadas a decorar os textos e havia rigor nas marcações e movimentos cênicos.

Em 1971 de acordo com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional), a Arte passa a fazer parte do currículo escolar e tem como título Educação Artística, porém esta acaba sendo considerada uma “atividade educativa” e não disciplina; isso acaba fazendo com que ela se torne, até hoje seja vista, tanto pelos educandos quanto por professores de outras disciplinas, como algo que pode ser retirado (como forma de punição) ou como aquela disciplina em que se pode não ir às aulas. Com isso, é possível compreender que a Arte acaba sendo um passa tempo e não uma disciplina em que tenha prova e uma cobrança maior.

De modo geral, no período entre 1970 e 1980 tanto os professores que já estavam na ativa há bastante tempo (Artes Plásticas, Desenho, Música, Artes Industriais, Artes Cênicas), quanto os recém-formados em Educação Artística viram-se com a responsabilidade de educar os alunos em todas as linguagens artísticas, passando assim a configurar a formação do

professor polivalente em Arte. Com isso, foram obrigados a conhecer e se aprofundar nas outras áreas da Arte para que pudessem dar os outros conteúdos. É a partir dos anos de 1980 que é formado o Movimento de Arte-Educadores, com o objetivo inicial de conscientizar e organizar os profissionais da área, o que acabou gerando uma mobilização de professores de Arte tanto na educação formal quanto na informal.

Na LDBEN 9394/96, o ensino de Arte pode tornar-se obrigatório. Mais tarde, em 2016, a partir da redação dada pela Medida Provisória: 746/16, ficou estabelecido que o ensino da Arte, especialmente em suas expressões regionais, tornar-se-ia componente curricular obrigatório tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, permitindo assim a promoção do desenvolvimento cultural dos alunos. Isso faz com que seja possível trabalhar a cultura desde o Nordeste até o Sul do Brasil, por exemplo.

Com base na redação dada pela lei nº 13.278/16, que altera a o parágrafo 6º do art.26 da LDB 9394/96, as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro são as linguagens que irão constituir o componente curricular obrigatório tratado no segundo parágrafo deste artigo.

A partir disto, pode-se observar que se abre espaço para as demais linguagens artísticas (e não só Artes Visuais e Música, como é a tradição) em seu currículo escolar e isso possibilita não só o potencial criativo dos educandos, mas também permite que eles se expressem através destas se e quando trabalhado pelos professores em sala de aula.

O artigo 2º desta lei diz respeito ao prazo que os sistemas de ensino têm para implementar essas mudanças, incluindo assim, a formação necessária e adequada dos professores em número suficiente para que possam atuar na Educação Básica, que é de cinco anos. Esta lei já está em vigor desde 2 de maio de 2016, porém não trata das mudanças referentes a 2017.

1.2 Documentos Curriculares

A partir da promulgação da LDBEN 9394/96, iniciou-se uma produção mais intensa acerca de documentos que visam nortear o ensino da Arte. Analisaremos aqui os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), lançados em 1997 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cuja versão definitiva ainda não foi promulgada.

Segundo o PCN Arte- 6º volume, “Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo”. (BRASIL, 1997, p.19). Permitindo

assim, que ele consiga criar meios para compreender as disciplinas que tem dificuldade, por exemplo.

“O fenômeno artístico apresenta algumas características, dentre elas: a obra de arte situa-se no ponto de encontro entre o peculiar e o universal da experiência humana; a obra de arte revela para o artista e para o espectador uma possibilidade de exigência e comunicação, além da realidade de fatos e relações habitualmente conhecidos; o que distingue essencialmente a criação artística das outras modalidades de conhecimento humano é a qualidade de comunicação entre os seres humanos que a obra de arte propicia, por uma utilização particular das formas de linguagem; a forma artística fala por si mesma, independe e vai além das intenções do artista; a percepção estética é a chave da comunicação artística; a personalidade do artista é ingrediente que se transforma em gesto criador, fazendo parte da substância mesma da obra; e a imaginação criadora transforma a existência humana através da pergunta que dá sentido à aventura de conhecer : “já pensou se fosse possível?”. (BRASIL, 1997, p. 28-30)

Todas essas características nos permitem compreender o quão importante é o fenômeno artístico, mas não somente ele como também seu ensino. Além do entendimento do conhecimento artístico como experiência estética a partir da obra de arte, o universo artístico contém também outro tipo de conhecimento, oriundo da necessidade de investigar o campo artístico como atividade humana. Esse tipo de conhecimento restringe o fenômeno artístico, que passa a ser entendido como: produto das culturas, parte da história, estrutura formal na qual podem ser identificados os elementos que compõem os trabalhos artísticos e ainda os princípios que regem sua combinação.

Compreende-se que o ato de aprender Arte envolve não somente uma atividade de produção artística pelos educandos, como também produção de significação sobre o que produzem, através do desenvolvimento da percepção estética, embebida no contato com o fenômeno artístico entendido como objeto de cultura a partir da história e ainda como conjunto organizado de relações formais.

O ato de ensinar Arte em consonância com os modos de aprendizagem do educando, quer dizer então, não separar a escola da informação dada a respeito da produção histórica e social da Arte, mas em paralelo garantir ao educando a liberdade de imaginar e consolidar propostas artísticas pessoais ou grupais baseadas em intenções próprias. E ainda tudo isso unido aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística.

O educando em momentos de aprendizagem, necessita ser convidado a exercitar-se nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir acerca delas. Pois se houver esse exercício ele conseguirá produzir e/ou até mesmo saberá apreciar os mais variados tipos de Arte. Nesse sentido, o PCN Arte- 6º volume diz que: “ é papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno”. (BRASIL, 1997, p.35)

A partir daí é possível compreender que cabe a escola possibilitar aos educandos um maior acesso aos mais variados tipos de Arte, de modo a fazer com que eles os compreendam e assim tenham mais chances de conhecer não só o que lhes é familiar como também o que não é. Pois com isso, será possível que haja uma democratização do conhecimento e assim todos conheçam tudo ou um pouco de tudo.

Quando se trata da Arte nos Anos Iniciais, podemos dizer que os educandos presentes no Fundamental I procuram aproximar-se da produção cultural de Arte. Pois o que compete a eles são as apresentações de Dança, Música e Teatro, por exemplo.

A área de Artes deve ser completada com objetivos grandes que atendam às características das aprendizagens, unindo o fazer artístico ao conhecimento e à reflexão em Arte. Esses objetivos devem garantir a aprendizagem do educando em vários níveis: no plano perceptivo, imaginativo, produtivo e cognitivo.

Os conteúdos presentes em Artes devem apresentar uma relação entre si, de tal modo que eles possam tornar concreta a aprendizagem artística dos educandos do Ensino Fundamental. O conjunto de conteúdos está disposto dentro do contexto de ensino e aprendizagem em três eixos norteadores: a produção, a fruição e a reflexão.

A Arte enquanto disciplina deve tornar consciente as suas possibilidades, de modo a fazer com que não haja a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é marcante na criança ao ingressar na escola. As propostas educacionais devem entender a atividade teatral enquanto uma combinação de atividade para o total desenvolvimento do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas.

A criança, ao dar início no ciclo básico educacional, apresenta-se na idade de vivenciar o companheirismo enquanto um processo de socialização, de estabelecimento de

amizades. Dividir uma atividade lúdica e criativa pautada na experimentação e na compreensão é um estímulo para a aprendizagem. Um exemplo dessa atividade lúdica e criativa são os jogos dramáticos, que em seu início tinha um caráter mais de improvisos e não existia muito cuidado com perfeições, pois seu interesse estava principalmente na relação existente entre os participantes e no prazer de jogar.

Quando pensamos no Ensino de Teatro, devemos pensar que é importante que o professor esteja consciente de que esta Arte é um item de muita importância tanto na aprendizagem quanto no desenvolvimento da criança e que ela não pode ser entendida como uma transmissão de técnicas. Com relação a Teatro no Ensino Fundamental, o educando deve desenvolver um maior domínio corporal, tornando-o expressivo, um desempenho melhor na verbalização, uma capacidade melhor para responder às situações emergentes e ainda uma maior capacidade organizacional e de domínio do tempo.

O Teatro deve ser compreendido como: expressão e comunicação, produção coletiva, produção cultural e apreciação estética. Já com relação aos critérios utilizados para que os educandos possam ser avaliados são eles: compreender e estar habilitado para expressar-se na linguagem dramática, compreendê-lo como ação coletiva, compreender e apreciar as mais variadas formas de Teatro produzidas nas culturas em diferentes tempos e espaços.

Ao observarmos a transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, podemos notar que os quatro componentes da Arte são incorporados ao lúdico, sendo os conhecimentos artísticos, experimentados nesse período, baseado nos interesses próprios da criança. No que tange a prática das diferentes linguagens da Arte, nota-se que esta coopera para que o desenvolvimento da experiência pessoal dos educandos dos Anos Iniciais ocorra e com isso, torne mais integrada a relação existente entre a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

(...) é preciso garantir que Artes Visuais, Dança, Música e Teatro tenham lugar qualificado, seja nos tempos escolares, seja nos espaços da escola e do entorno. Devem estar presentes nos currículos não como adorno, tampouco como atividade meramente festiva ou de entretenimento, mas como conhecimento organizado e sistematizado, que propicia aos estudantes a criação e a recriação dos saberes artísticos e culturais. (BNCC-2ª versão, 2016)

Entende-se a partir daí que no que tange aos diversos tipos de Arte, estes devem ser ofertados na e pela escola, de modo a serem compreendidos do mesmo modo como as outras disciplinas curriculares; ou seja, de modo a fazer com que haja lógica e sistematização durante a realização de sua oferta. Pois quando isso ocorre os educandos conseguem criar, recriar e até mesmo apreciar os saberes artísticos e culturais com “outros olhos” que não aqueles midiáticos.

No que diz respeito ao ensino de Teatro na Educação Básica, as propostas pedagógicas têm de respeitar os princípios estéticos, éticos e políticos; tendo como eixos norteadores as interações e a brincadeira, e ainda garantir experiências às crianças. Estas propostas devem ter como objetivos: garantir à criança acesso as ações de apropriação, renovação e articulação de aprendizagens e conhecimentos de linguagens distintas, bem como o direito à proteção, à saúde, dignidade, à brincadeira, à convivência e ainda à interação com outras crianças.

Nessa nova etapa da Educação Básica, o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil. Dessa maneira, é importante que, nas quatro linguagens da Arte – integradas pelas seis dimensões do conhecimento artístico –, as experiências e vivências artísticas estejam centradas nos interesses das crianças e nas culturas infantis. Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, sobretudo nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais. (BNCC- 3ª Versão, 2017)

Com isso, pode-se compreender que o ensino de Arte nos Anos Iniciais deve ser lúdico, porém voltado para as coisas que as crianças apresentam como interesse e também relacionado as suas culturas; fazendo com que seja um processo contínuo com aquele experienciado pelas crianças na Educação Infantil. Pois com isso, serão trabalhadas algumas habilidades importantes para o desenvolvimento emocional, intelectual, cultural e corporal; uma vez que elas estão relacionadas tanto a linguagens verbais como não verbais, e também

que o Teatro só aparece recentemente nos documentos oficiais. No capítulo 2, será apresentado o lugar do Teatro na Educação, através de fundamentos filosóficos.

CAPÍTULO 2

O Lugar do Teatro na Educação: fundamentos filosóficos

2.1 A Centralidade da Arte nos Processos Educativos

O ensino da Arte favorece o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, de modo a fazer com que estas caracterizem um jeito apropriado de ordenar e dar sentido à experiência humana- o educando tem sua sensibilidade desenvolvida, percepção e imaginação, tanto na realização de formas artísticas quanto na apreciação e conhecimento das formas que foram produzidas por ele ou pelos colegas, pela natureza e ainda nas diferentes culturas existentes.

Ao conhecer a Arte de outras culturas, o educando poderá entender a relatividade de valores que estão estabelecidos nas suas maneiras de agir e pensar, podendo assim, criar um domínio de sentido para o enaltecimento daquilo que lhe é próprio e propiciar abertura à riqueza e à pluralidade da imaginação humana. Além disso, passa a ser capaz de compreender a realidade de seu cotidiano em maior amplitude e profundidade, identificando objetos e formas que estão presentes ao seu redor, exercitando uma observação crítica daquilo que existe em sua cultura, permitindo a ele a criação de circunstâncias para uma melhoria em sua qualidade de vida.

A Arte também está presente em profissões de diversos ramos; o conhecimento em Artes é importante no mundo do trabalho e compõe o desenvolvimento profissional dos cidadãos. Este tipo de conhecimento abre perspectivas para que o educando tenha um entendimento de mundo onde a dimensão estética esteja presente. A Arte ensina que é possível mudar constantemente a existência, que é preciso transformar referências a cada

momento, ser maleável; ou seja, tanto o criar quanto o conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição essencial para aprender.

Com relação ao Ensino de Artes nas escolas, este tem como objetivo central desenvolver o potencial criador das crianças. No entanto, o que desencadeou como resultado de uma aplicação indiscriminada de ideias vagas sobre a Educação Artística foi uma descaracterização progressiva da área. Essa estrutura acabou perdendo o sentido, principalmente para os educandos. Além disso, muitos dos objetivos registrados nos planejamentos dos professores de Arte poderiam também fazer parte de outras disciplinas do currículo, como, por exemplo, desenvolver o autocontrole, a criatividade, a sensibilidade, etc.

O universo artístico é caracterizado por um tipo particular de competência que o ser humano produz a partir das questões essenciais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo. Tanto a manifestação artística quanto o conhecimento científico, técnico e filosófico tem em comum o caráter de criação e inovação.

Basicamente, o ato criador, em qualquer um desses modos de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, de modo a responder os desafios que dele provêm, numa constante mudança do homem e da realidade que o rodeia. O resultado da ação criadora, a inovação, é originária do acréscimo de novos elementos estruturais ou da transformação de outros. Orientado pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, constantemente sua consciência de existir através de manifestações distintas.

Além do conhecimento artístico como experiência estética adquirida pelo contato direto com a obra de Arte, o universo da Arte contém também outro tipo de competência, concebido pela necessidade de explorar o campo artístico como atividade humana. Esse conhecimento objetiva a manifestação artística: como produto das culturas, como parte da História e como estrutura formal onde podem ser reconhecidos elementos que compõem os trabalhos artísticos e os princípios que guiam sua combinação.

A aprendizagem artística abrange, portanto, um conjunto de diversos tipos de conhecimentos, que tendem à criação de interpretações, exercitando fundamentalmente a progressiva possibilidade de mudança do ser humano. Além disso, encarar a Arte enquanto produção de interpretações que se transformam no tempo e no espaço permite contextualizar a época em que se vive na sua relação com as demais.

A área da Arte tem uma importante missão: situar o fazer artístico enquanto fato e necessidade de tornar o homem histórico, brasileiro sociável, de modo que conheça tanto suas particularidades, quanto as universais. Seu ensino possui conteúdos próprios e esta deve ser

estabelecido como parte que constitui os currículos escolares; porém requer boa formação dos professores para que os alunos possam ser formados e orientados quanto a esta área de conhecimento.

Somente recentemente pôde-se perceber que a criatividade não se restringia somente às Artes, podendo atravessar em maior ou menor grau, as variadas dimensões do fazer humano. Um exemplo disso, é a criação de objetos para serem usados no cotidiano.

Segundo Berevidge (1988)¹, há prazer em criar quando a pesquisa científica é tida como uma aventura intelectual; pois quando nos “aventuramos intelectualmente” com algo que nos interessa e buscamos profundidade no tema, acabamos tendo prazer em criar. Já para Amabile (1983)², há uma motivação intrínseca ao indivíduo e estes serão mais criativos quando forem motivados pelo interesse, prazer, satisfação e desafio do trabalho propriamente dito. Nesse sentido, “é evidente que além de saber o que faz, o artista tem que saber fazer. Ele tem que conhecer sua linguagem”. (OSTROWER, 1990 apud VIRGOLIN; ALENCAR, 1997)

O que pode ser entendido a partir daí é que o artista, para ser considerado artista de fato, é necessário que este tenha um domínio da linguagem com a qual trabalha, de modo a saber o que faz e também a saber fazer o que se propõe. Um exemplo disso, é o ator que sabe que está atuando e também conhece sobre a Arte de atuar.

Segundo Smirnov e Leontiev (1960)³, a criação artística não se dá de imediato. Para que esta ocorra, é necessária uma intensa preparação, um intenso estudo sobre a Arte que se pretende criar. Uma característica que pode ser observada em indivíduos que tem destaque devido a sua produção criativa é a presença de atitudes de otimismo aliada a uma coragem para correr riscos.

É possível perceber esta característica quando uma peça teatral está sendo montada e vai ser apresentada. Todo o elenco fica otimista com a criação e está disposto a correr riscos durante a apresentação. Diferente da opinião que predomina entre muitos críticos e especialistas da área, a sensibilidade não seria um item necessário apenas para o artista, ela também está sendo considerada uma característica valiosa para o cientista. Pois para produzir ciência também é necessário que se tenha sensibilidade; uma vez que é preciso analisar o que está sendo investigado e/ou produzido.

Com relação às características do ambiente sociocultural, é possível observar particularidades entre as sociedades no que diz respeito à extensão ou à profundidade com que

¹ Berevidge- patologista animal australiano

² Amabile- pesquisadora e escritora sobre criatividade

³ Smirnov e Leontiev- discípulos de Vygotsky

são ofertadas para que não só as habilidades como também as potencialidades de cada indivíduo sejam desenvolvidas. Quando o ambiente sociocultural contribui para que os indivíduos desenvolvam suas potencialidades e habilidades, este pode ter seu potencial criativo desenvolvido e assim, tornar-se um artista por exemplo ou um bom apreciador de Artes.

Parece algo relevante o modo como a família e a escola tratam a curiosidade insaciável das crianças em seus primeiros anos de vida. Porém, é possível observar a partir de leituras realizadas que na Educação Infantil há algo que predomina entre muitos professores, a certeza de que a criança não deve ser estimulada. Outro item que foi possível observar é que houve muitos casos em que o reconhecimento, o apoio e o incentivo vindos de um bom professor, conduzindo a aprendizagem e abrindo novos caminhos e oportunidades foram importantes para estimular o potencial criador dos educandos.

Adler⁴ formulou a teoria compensadora da criatividade, teoria segundo o qual os homens produzem a Arte e a Ciência, e ainda os outros aspectos presentes na cultura, para que suas imperfeições sejam supridas. A partir daí, é possível compreender que é graças as criações que o homem consegue “esquecer” suas imperfeições, conflitos e angústias, mesmo que momentaneamente.

As tendências compensadoras do indivíduo atuam nos modelos de sua criação, porém não esclarecem o processo criativo. As necessidades de compensação atuam na vocação ou a temática escolhida na cultura ou ainda nas ciências, mas não justificam a criação das mesmas.

As outras teorias psicanalíticas da atualidade que tratam sobre a criatividade apresentam duas particularidades: são redutivas, ou seja, reduzem a criatividade a qualquer outro tipo de processo. Normalmente consideram-na como representação de padrões neuróticos. A definição mais frequente da criatividade, nos meios psicanalíticos, é a “regressão a serviço do ego”.

Ao se tratar de criatividade, é possível observar que esta apresenta pseudoformas-criatividade como estética superficial, ou seja, processo de criação de algo novo. O que as distingue basicamente é Arte enquanto um artifício e a Arte genuína.

O primeiro elemento que notamos no ato de criar é a sua natureza de encontro. Este encontro pode provocar um esforço voluntário, ou seja, a “força de vontade” ou não de criar.

⁴ Adler- psicólogo austríaco fundador da psicologia do desenvolvimento individual

O ponto de partida não é a presença ou ausência do esforço, mas o nível de absorção, o grau de intensidade; é necessário que se tenha uma especificidade na qualidade de engajamento.

O indivíduo pode ser dotado de talento, fazendo uso dele ou não; podendo ser a medida da pessoa. Porém a criatividade só existe no ato, uma vez que para se fazer algo é imprescindível a existência da criatividade, mesmo que de modo inconsciente.

O potencial criador é um evento de ordem mais geral, com menos precisão do que os processos de criação por meio dos quais o potencial se efetiva. Vale ressaltar o caráter geral e indefinido, até do potencial, a fim de enfatizar o sentido da definição que se dá nos processos criativos, entendidos aqui como técnicas ordenadoras e configuradoras.

Penso que ao formar, todo destruir é um construir. É uma interpretação inevitável que acompanha o criar e, apesar de seu cunho delimitador, não necessitaríamos ter dificuldades em apreciar suas qualificações dinâmicas.

O procedimento de criar compreende um fundamento dialético. É um processo constante que se reestrutura por si mesmo e onde o ampliar e o delimitar simbolizam concepções simultâneas, concepções que se encontram em oposição e tensa unificação.

O potencial criador estrutura-se nos diversos níveis do ser sensível- cultural- consciente do homem e se faz evidente nos diversos caminhos em que o homem busca compreender e configurar as realidades da vida. Este potencial, é realizado através do trabalho; de modo a fazer com que sua criatividade seja desenvolvida e assim, ela seja aplicada em suas atividades cotidianas.

A Arte não só é necessária e vem sendo necessária, como também ela continuará sempre sendo necessária. Ela é o mecanismo indispensável para essa ligação do indivíduo como um todo; retrata a contínua capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.

A tensão e a oposição dialética são próprias da Arte; ela não só necessita originar-se de uma rica experiência da realidade como necessita ser estabelecida; necessita tomar forma por meio da objetividade. É possível então dizer que o meio mais simples de existência é a Arte.

Toda Arte é condicionada pelo seu tempo e retrata a humanidade em conformidade com as ideias e as pretensões, as necessidades e as possibilidades de um cenário histórico particular. Mas, ao mesmo tempo, excede essa limitação e dentro do momento histórico, concebe também momento de humanidade que garante continuidade no desenvolvimento.

A Arte é essencial para que o homem seja capaz de conhecer e mudar o mundo. Porém esta também é necessária por conta da magia que lhe é peculiar, uma vez que ao se tratar de Arte sempre há um encantamento, um “brilho nos olhos” tanto por parte de quem a faz quanto por parte de quem a aprecia.

2.2 A Linguagem Teatral e suas Especificidades

Desde os tempos de Platão que o Teatro vem sendo tratado com o objetivo de educar. Ao analisar a história do Teatro, é possível perceber que este era entendido como produtor da personalidade humana, pois permite que sejam criadas formas de compreender o mundo; uma vez que requer a utilização da criatividade, de sentimentos e emoções e também da intuição não só para aprender e conhecer os conteúdos, como também por ser considerado uma das formas de compreender e interpretar o mundo.

O Teatro ao ser levado à sala de aula deve ser entendido como Arte, de modo a assumir um papel enquanto obra de Arte. Pois ele contribui para que seja desenvolvida a expressão e comunicação e também favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura, valores educativos e estéticos.

Reverbel (1979) reconhece a função eminentemente educativa e evidencia que a instrução se dá por meio da diversão. Ela acredita que a importância da diversão, baseia-se na imitação da realidade através da brincadeira, aprofunda a descoberta e é uma das primeiras atividades, rica e fundamental, no que tange ao auxílio do processo de desenvolvimento da personalidade e do imaginário que estabelece um meio de manifestação privilegiado da criança. Já para Courtney (2001)⁵, a educação dramática deve ser o centro de qualquer modo de educação que objetive o desenvolvimento das peculiaridades essencialmente humanas, pois a imaginação é a característica relevante que distingue o homem dos primatas superiores, e essa é basicamente dramática.

⁵ Courtney- artista, escritor e ativista político.

A metodologia utilizada por Augusto Boal⁶ apropria-se visivelmente da concepção de Paulo Freire quando vai buscar, por meio do Teatro, a superação presente na divergência entre opressor/oprimido. Para Freire, existe a necessidade de procurar uma nova teoria do conhecimento de prática profissional e reprimir o conflito presente entre o saber escolar e a reflexão existente na ação dos professores e educandos.

O Teatro, pode ser então considerado a brecha que se abre na nova concepção da ciência e ensino-aprendizagem, pois abrange principalmente o que a soberania da lógica clássica e do modelo racional suprimia; o incoerente, as possibilidades, o instinto, a singularidade...ou seja, elementos existentes nas relações dessa expressão artística e que são potencialidades humanas que fazem parte da complexidade da inteligência humana.

A utilização do Teatro na Educação é entendida como um procedimento de aprendizagem e não como algo de lazer. Este requer uma busca pelo entendimento complexo num padrão progressista de Educação a partir de seu ensino, cuja transformação deve ser realizada na prática, em todos os níveis de Educação.

O Teatro vai além do conhecimento e lazer, e implica formas de conhecimento que dialogam com formas de reconhecimento e subjetividade. A ação cultural no Teatro como Pedagogia é entendida como aquela que busca romper com a reprodução de conhecimentos por meio de seu formato enquanto experiência estética.

Nos projetos relacionados ao ensino do Teatro, é relevante o trabalho tanto com o fazer teatral com os educandos em sala como também levá-los ao Teatro, para que possam adquirir conhecimento através da apreciação do espetáculo. A partir dessas experiências, as crianças poderão exercitar e até mesmo observar a representação de papéis e viver situações cotidianas.

A escola é um ambiente que proporciona momentos de aprendizagem e conhecimento, com isso, as Artes tornam-se essenciais para que as crianças se desenvolvam de modo perceptivo; já que a Arte constitui nossa consciência. Pois é através das Artes estimuladas nas escolas que as crianças conseguem desenvolver suas criatividade, assim como o senso estético, a imaginação, a aquisição de conhecimentos das linguagens humanas e assim permitir que ocorra aprendizagem e conhecimento.

⁶ Augusto Boal- foi diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, uma das grandes figuras do teatro contemporâneo internacional. Fundador do Teatro do Oprimido.

CAPÍTULO 3

Os Jogos Teatrais e a Ludicidade

O jogo teatral é um jogo que consiste em construir a compreensão do “como se”⁷ a ser trabalhada de modo progressivo em direção à articulação da linguagem teatral. Neste capítulo, será exposta a relação entre os jogos teatrais e a ludicidade.

Os teóricos salientam a relevância do jogo cênico no processo de aprendizagem durante o período da infância, desde Rousseau e Dewey a Piaget e Vygotsky. Este não serve apenas como atividade lúdica, constitui-se como atividade central para o desenvolvimento da inteligência do ser humano.

O jogo cênico é constituído por meio de uma mediação pedagógica em que o coordenador/professor e o educando/atuante acabam por tornar-se aliados de um projeto artístico. A intervenção educacional realizada por meio do professor durante o jogo teatral é essencial, pois ele instiga o processo de aprendizagem de recomposição de significados. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)⁸ transforma drasticamente o conceito de avaliação e com isso ela passa a ser propulsora do processo de aprendizagem.

⁷ “como se”- termo utilizado para referir-se ao ato imaginativo à partir de situações criadas

⁸ZDP- conceito criado por Vygotsky que faz referência à distância existente entre o nível de desenvolvimento atual da criança e o nível de desenvolvimento potencial.

O trabalho realizado através da linguagem teatral possibilita a construção de conteúdos por meio da utilização da forma estética. O aprendizado artístico é modificado em processo de produção de conhecimento.

3.1 Jogo Teatral: conceito e desdobramentos

A relação existente entre o jogo teatral e o texto proporciona o processo semiótico da construção de conceitos por intermédio da linguagem gestual. Os jogos teatrais ultrapassam as barreiras do aprendizado teatral de habilidades e atitudes, sendo benéficos em diversos aspectos da aprendizagem e da vida. Por exemplo, saber resolver situações que aparecem no cotidiano (ex: como uma pessoa reagiria se estivesse numa ilha deserta).

Os jogos teatrais podem trazer frescor e energia quando trabalhados em sala de aula. Entretanto as oficinas não devem ser vistas como passatempo presentes no currículo, mas sim como complementos para a aprendizagem escolar, expandindo assim a consciência de problemas e ideias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos educandos. Sobre isso, Spolin (2008) adverte: “intensidade e envolvimento devem ser solicitados como capacidades e potenciais das crianças. Crianças com níveis baixos de aproveitamento escolar podem ser as mais criativas durante as oficinas. Os benefícios do jogo teatral vão muito além de ensinar habilidades de performance para as crianças”.

Isso significa que se uma criança é “ruim” em Matemática, por exemplo, e ao ser solicitada para interagir durante um jogo teatral ou até mesmo criar uma improvisação para ser apresentada, ela pode se sair muito bem diferente dos outros.

A função educativa presente nos jogos faz com que a aprendizagem seja propiciada ao indivíduo, ou seja, seu saber, seu conhecimento e seu entendimento de mundo passam a ser desenvolvidos e estimulados a partir de jogos. Pois quando se envolve, a criança passa a vivenciar novas experiências e com isso aprender e entender novas situações presentes em seu cotidiano/ao que acontece ao seu redor.

O lúdico em sala de aula é um elemento significativo para que a socialização seja desenvolvida, para que possa haver a observação de comportamentos e os valores possam ser transmitidos de modo divertido. Por exemplo, quando se trabalha a improvisação em sala de aula, as crianças além de utilizarem estes elementos citados utilizam também a criatividade para criar uma cena com base em determinado tema (ex: improvisação sobre a ida ao parque de diversão).

As aulas lúdicas devem transmitir os conteúdos, adequá-los, permitindo que o educando note que não está só brincando durante a aula, mas que também está adquirindo conhecimentos; uma vez que ao brincar (mesmo sem ser de modo dirigido) também se aprende.

Ao brincar, a criança move-se em busca de parceria e na investigação dos objetos, comunica-se com seus pares, expressa-se por meio diversas linguagens, compreende regras e toma decisões. O ato do brincar, permite que a criança não só tenha um momento divertido como também aprenda durante esse momento.

O brincar enriquece o exercício das relações sociais presentes em sala de aula. Permite uma consolidação da relação existente entre o ensinante e o ensinado; fazendo com que a criança estreite suas relações com todos os presentes em sala.

O lúdico deve ser um elemento significativo na interdisciplinaridade, sobretudo quando ativa a motivação dos educandos. Ao permitir que as crianças aprendam Matemática através de jogos e História por meio de representações em sala dos conteúdos, por exemplo, elas terão mais interesse por essas matérias do que aprendendo de modo mecânico e tradicional. Sendo assim, “brincar não é perder tempo é ganha-lo. É triste ter meninos sem escola, mas mais triste é vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana”. (ANDRADE, Carlos Drummond de apud ROLLOF)

Podemos compreender com isso, que quando se brinca não se perde tempo, e sim se ganha. Pois através de brincadeiras, dirigidas ou não, é possível aprender algo mesmo que seja de modo inconsciente.

O lúdico permite que existam momentos de alegria em sala de aula, independente da fase da vida em que o indivíduo se encontre, acrescentando leveza à rotina presente na escola e permitindo que os educandos lembrem melhor de tudo aquilo que lhes foi ensinado de modo mais relevante.

A partir de atividades lúdicas, a criança comunica-se consigo mesma e com o mundo ao seu redor, aceita a existência dos outros, estabelece relações sociais e constrói conhecimentos; fazendo com que se desenvolva inteiramente. Pois através do lúdico, a criança desenvolve-se globalmente e passa ter uma visão de mundo mais real.

É através das atividades lúdicas que a criança pode representar diversas situações pelas quais ela passou em seu cotidiano, que acabaram sendo recriadas por meio do imaginário e do faz de conta presentes nessas atividades.

A formação de conceitos faz com que se dê a verdadeira aprendizagem e é no brincar que está um dos maiores espaços para que ocorra a formação de conceitos. Não é do nada que muitas pessoas dizem que é melhor aprender brincando.

Enquanto a aprendizagem é entendida como apropriação e internalização de símbolos e instrumentos presentes num conceito sociointeracionista, o brincar é a apropriação ativa do real através da representação. Assim, o ato de brincar torna-se semelhante ao aprender.

3.2 O Jogo Teatral na Sala de Aula

Ao se trabalhar com os jogos de movimentos rítmicos em sala de aula, é possível fazer com que os educandos focalizem a exploração e a consciência corporal em movimento. Pois através dos jogos teatrais é possível fazer com que as crianças explorem o ambiente presente ao seu redor.

Com a utilização dos jogos sensoriais sendo trabalhados a algum tempo em sala de aula, os educandos irão observar em que momento (s) os atores fazem uso de seu equipamento sensorial, seu corpo físico para tornar visível para a plateia aquilo que é invisível. Estes jogos proporcionam base para que seja desenvolvida um novo meio de consciência sensorial. Eles também propõem modos pelas quais os jogadores podem começar a notar que, de certo modo, estão desprendidos de seus sentimentos.

Quando trabalhados como parte de um todo, os jogos acabam ligando os componentes; o que faz com que todos tornem-se diretamente envolvidos com o resultado e se apoiem num processo de entusiasmo mútuo. Pois um jogador com corpo, mente e intuição em harmonia, com elevado nível de energia pessoal, junta-se aos seus parceiros com impulso para que as limitações sejam quebradas.

Os jogos do espelho⁹ também permitem que os jogadores se unam através do ato de verem-se. As descobertas partilhadas acerca da interação humana realizadas por meio do “siga o seguidor”, por exemplo, são iguais aquelas encontradas em diversos jogos teatrais.

A utilização dos termos “Onde?, Quem?, Fazendo o que?”¹⁰ leva os jogadores a abranger o ambiente, o relacionamento e a atividade (realidade cotidiana) em suas

⁹ Jogos do espelho- jogos nas quais os participantes devem formar duplas, ficando um de frente para o outro e um deve imitar os gestos e expressões realizadas pelo líder da dupla.

¹⁰ “Quem?, Onde? e Fazendo o que?”- jogo em que os participantes devem determinar estes questionamentos para então montar uma cena de improvisação.

considerações acerca dos problemas teatrais. Por meio da disputa, os educandos irão consentir que as pessoas nos mostrem que elas são, não através do que dizem a respeito de si mesmas, mas por meio de suas atitudes.

Durante o trabalho com a comunicação por meio de palavras é possível notar que quando são utilizados estímulos múltiplos, a tensão/energia fundamental para a que os problemas sejam solucionados acaba sendo criada.

Ao trabalhar com a comunicação através de sons (blablação) é possível aprimorar a linguagem física, essencial para a vida em cena, mudando as dependências das palavras para que se possa expressar os significados.

Um exemplo disso, é a blablação¹¹ em Português que é ideal para que as capacidades de dar e receber instruções em todas as faixas etárias sejam aprimoradas. Este e outros jogos deste tipo são úteis quando trabalhados em salas de aula bilíngues, pois recompõem experiências pelas quais muitos alunos passaram, através de jogos.

Com a utilização de jogos de estímulo múltiplos, os jogadores acabam tornando-se eficientes e alertas, estando assim, prontos para encarar coisas novas ao responderem a vários acontecimentos.

É durante o brincar que alguns aspectos como: sociabilidade, linguagem e cognição são trabalhados e praticados. A cognição e o desenvolvimento intelectual são exercitados através dos jogos, em que a criança tem a possibilidade de testar diversas coisas, especialmente a relação causa-efeito. Nesse sentido, “o brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a levam ao pensamento abstrato”. (Vygotsky, 1991 apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007)

Podemos compreender com isso, que é buscando novas formas de ensinar através do lúdico que iremos alcançar uma educação de qualidade e que de fato consiga ir ao encontro dos interesses e necessidades dos educandos. Pois quando se aprende a partir do lúdico, o aprendizado torna-se mais prazeroso e muitas das vezes mais eficaz, fazendo com que faça mais sentido para as crianças.

¹¹ Blablação- comunicação através de sons

CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi o de investigar, através de referenciais teóricos, como a linguagem teatral é proposta na Educação, se como conteúdo ou como recurso didático na atividade docente do Pedagogo. A partir das leituras realizadas, foi possível observar que quando o Teatro passa a ser inserido no ambiente educacional, muitos o veem como uma forma de distração para as crianças.

Notou-se também que foi preciso muita luta para que o Teatro deixasse de ser considerado apenas como forma de entretenimento. Inicialmente era utilizado apenas em datas comemorativas, depois passou a ser utilizado e até mesmo entendido enquanto recurso a ser utilizado pelos professores para que estes pudessem ensinar seus conteúdos; possibilitando assim, que as crianças aprendessem de modo mais fácil. Conforme os anos foram passando, foi possível notar que a presença de jogos teatrais nas salas de aula foi ganhando espaço e importância; fazendo com que o lúdico passasse a ser inserido nas práticas dos professores.

Foi possível observar que foi preciso a criação e implementação de documentos legais para que as Artes, principalmente o Teatro, tivessem seu espaço e sua importância no

ambiente educacional. Pois isso fez com que estas passassem a ser disciplinas obrigatórias, e com isso, deveriam estar presentes nas grades curriculares da Educação Básica.

Após passarem a fazer parte dos currículos escolares, o Teatro pretende ganhar certo prestígio; porém não há muito espaço para que ele seja trabalhado enquanto disciplina, assim como outra qualquer. Assim, muitos professores acabam se valendo disso para que as crianças não tenham acesso a essas aulas (ex: punir o aluno impedindo-o de ir para a aula de teatro por não ter feito o dever de matemática), como pude testemunhar.

Observou-se também que com a utilização de jogos teatrais lúdicos, foi desenvolvida a capacidade criativa e perceptiva das crianças com relação ao mundo que as cerca, e também que mesmo aquelas que apresentam certa dificuldade em determinadas áreas podem se sair bem durante essas atividades propostas. Pois mesmo que a criança não tenha apresentado um bom raciocínio lógico, até então.

Com isso, é possível concluir que a utilização da linguagem teatral na Educação pode tanto ser entendida e trabalhada como conteúdo, como também ser utilizada como recurso didático na atividade docente do Pedagogo; fazendo com que as crianças aprendam tanto teorias e técnicas presentes no mundo do Teatro, como também consigam aprender outras disciplinas de maneira mais fácil e lúdica.

REFERÊNCIAS

AMABILE, T.M. & Tighe, E. (1993): Questions of creativity. Em J. Brockman

ARCOVERDE, Silmara Lídia Moraes. A importância do teatro na formação da criança. Paraná, 2008.

BRASIL. Artigo 26-LDB9394 de 1996. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11/691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>>. Acesso em 28/11/2016 às 17h.

_____. Base Nacional Comum Curricular- 2ª versão. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 10/12/2016 às 19h.

_____. Base Nacional Comum Curricular- 3ª versão. Disponível em:
<<https://avaliacaoeducacional.files.wordpress.com/2017/04/base0416terceiraversao.pdf>>
Acesso em: 28/04/2017 às 11:10.

_____. Lei 13278/16. Disponível em:< <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html>>. Acesso em 01/12/2016 às 19h.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais- 6º volume, 1997. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 5/12/2016 às 11h.

BEVERIDGE, W.I.B. (1988): The art of scientific investigation. New York: Vintage Books.

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido: e outras poéticas políticas. Editora Cosac Naify, 2014.

CABRAL, Beatriz. Pedagogia do teatro e teatro como pedagogia. Disponível em:
<<http://portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia/Pedagogia%20do%20Teatro%20e%20Teatro%20como%20Pedagogia%20-%20Beatriz%20Cabral%20Biange.pdf>>. Acesso em 11/10/2016 às 11h.

CAVASSIN, Juliana. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. R.cient/FAP, Curitiba, V.3, P. 39-52, Jan/Dez, 2008.

COELHO, Márcia Azevedo. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. Revista Polêmica, V.13, Nº 2, Abr/ Jun, 2004.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Rio de Janeiro, Nº 1, V.7, 2007. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v7n1/artigos/html/v7n1a09.htm>>. Acesso em 27/11/2016 às 10h.

COSTA, Alexandre Santiago da. Teatro-Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação. Revista da Faced, Bahia/UFBA, Nº 8, P. 95-108, 2004.

COURTNEY, R. Jogo, Teatro e Pensamento. As bases intelectuais do Teatro na Educação. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CUNHA, Niágara Vieira Soares; AYRES, Natália; MORAES, Betânia. A teoria da compensação em Adler e em Vigotski. Revista Eletrônica Arma da Crítica, v. 2, p. 61-71, 2010.

DESGRANGES, Flávio. Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço. Disponível em:

<[http://www.teatronacomunidade.com.br/wpcontent/uploads/2012/02/quando teatro e educacao ocupam o mesmo-lugar.pdf](http://www.teatronacomunidade.com.br/wpcontent/uploads/2012/02/quando_teatro_e_educacao_ocupam_o_mesmo-lugar.pdf)>. Acesso em: 10/10/2016 às 14:30h.

GAGLIARDI, Mafra. O teatro, a escola e o jovem espectador. Revista do Departamento

GOHN, Maria da Glória; HANSTED, Thalita Cardoso. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. EccoS- Rev. Cient. São Paulo, Nº 30, P. 199-220, Jan/ Abr, 2013./

KOUDELA, Ingrid Dormien. A nova proposta de ensino do teatro. Revista Sala Preta, São Paulo/USP, V.2, 2002, P. 233-239.

MARKO, Leslie. Teatro em sala de aula: um novo olhar que toca e transforma. Disponível em:

<<http://www.sistemas.ufrn.br/shared/verArquivo?idArquivo=1212869&key=9207abb62542be36e19ec392afaa7068>>. Acesso em: 07/09/2016.

MENEGHETE, Mickael; BUENO, Cléria Maria. Ação e aprendizagem- o teatro como facilitador da socialização na escola. Revista de Psicologia, V.22-Nº1, P. 187-204, Jan/Abr, 2010.

MIRANDA, Juliana Lourenço; ELIAS, Robson Cândido; FARIA, Rômulo Mendes; SILVA, Valquíria Lázara; FELÍCIO, Wanely Aires de Sousa. Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas. Revista CEPPG, Nº 20, P. 172-181, 2009.

MORAES, Danielle Rodrigues de. Teatro na cena escolar: uma educação de corpo inteiro. Revista de Ensino de Teatro, Minas Gerais, EBA/ UFMG, V.1, Nº2, 2011.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tânia. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. Revista Educar, Paraná/ UFPR, Nº 36, P. 77-93.

ROLOFF, Eleana Margarete. A importância do lúdico em sala de aula. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf>>. Acesso em 25/11/2016 às 18h.

SANTANA, Arão Paranaguá de. Trajetória, avanços e desafios do teatro- educação no Brasil. Revista Sala Preta, São Paulo, Vol.2, P. 247-252, 2002.

SANTO, Regina Helena Espírito. Dando voz ao aluno na escola. Universidade Federal da Bahia, 2012.

SMIRNOV, A.A. & Leontiev, A.N. (1960): Psicologia. Buenos Aires: Grijalbo.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais na Sala de Aula. 1ª Edição- reimpressão, São Paulo: Editora Perspectiva, ano 2008.

VIRGOLIM, Ângela M.R; ALENCAR, Soriano de. Condições Favoráveis à criação nas ciências e nas artes. In: Criatividade: expressão e desenvolvimento. Petrópolis, Editora: Vozes, P. 25-39, 1997.